

HERANÇA FHC: DÚVIA

Monica Weinberg

Muitos observadores — brasileiros, todos — se espantaram quando o presidente Fernando Henrique Cardoso foi escolhido pela ONU como a autoridade mundial que mais se destacou ao longo deste ano no campo do desenvolvimento humano. Como o prêmio das Nações Unidas foi criado em 2002, FHC é o primeiro líder a merecer a honraria. A cerimônia de entrega do prêmio ocorreu na semana passada, em Nova York. Até mesmo entre os críticos mais ácidos de FHC há certo consenso de que o governo tucano realizou um trabalho respeitável no campo econômico. As opiniões em torno dos avanços sociais de sua gestão, no entanto, não são tão favoráveis. Mais do que isso, difundiu-se uma relação de causa e efeito envolvendo as duas responsabilidades governamentais. FHC teria se dedicado demais à economia, razão pela qual descuidou do chamado “lado social”. Por esse motivo, o prêmio da semana passada produziu certo espanto. Quer dizer, então, que FHC fez algo notável pelo social? Ou a ONU se teria deixado confundir?

Nos oito anos da gestão FHC, o Brasil conheceu a estabilidade econômica e viu morrer o mais perverso dos mecanismos de destruição de renda: o imposto inflacionário. Também foi nesse período que o

país aprendeu que privatização não se resume a uma troca de controle acionário nas empresas do governo. As estatais davam prejuízo, recolhiam pouco imposto, serviam de cabide de emprego e se tornaram um foco de corrupção. Para o Tesouro nacional, a venda das companhias rendeu, de imediato, 250 bilhões de reais, pagos em dinheiro, mais um ganho adicional indireto ao longo do tempo. Tome-se o caso das telefônicas, vendidas em 1998. Na fase do sistema Telebrás, havia no Brasil 22 milhões de telefones fixos em operação, e algumas linhas chegavam a custar 5 000 dólares. Agora, são 50 milhões de telefones fixos e 30 milhões de celulares. Detalhe: a instalação de uma linha fixa custa apenas 70 reais. Mais do que isso, as companhias privadas, e não o Estado, encarregaram-se de fazer os investimentos necessários à expansão dos serviços. Sobrou mais dinheiro para aplicar em educação, saúde, saneamento básico. Podem ainda ser contabilizados como outros feitos econômicos significativos destes últimos oito anos a Lei de Responsabilidade Fiscal, a noção de que governo sério deve cortar gastos para honrar dívidas, o saneamento dos bancos estaduais e o Proer, que de uma só vez protegeu os aplicadores com dinheiro em bancos mal administrados e puniu exemplarmente os banqueiros responsáveis pelo rombo.

...E CONQUISTA

DAS NA ECONOMIA...

O presidente Fernando Henrique, na semana passada, ao receber o prêmio Mahbub ul Haq de desenvolvimento humano da ONU, em Nova York: reconhecimento veio antes de fora



LATO DE ALMI/DAJ/OLIA IMAGE IM

S NO SOCIAL

Embora o governo tenha evitado enfrentar até o fim algumas brigas importantes, como a reforma política, a tributária e a previdenciária, o debate ganhou outra roupagem ao término dos oito anos de FHC. Observe-se o que aconteceu na campanha eleitoral. Tanto nas eleições estaduais quanto na sucessão presidencial, os candidatos disputaram para ver quem era mais responsável com o orçamento, quem iria cortar os gastos da melhor forma. No caso da disputa ao Palácio do Planalto, até o PT se viu constrangido a dizer que vai dar sequência ao programa proposto pelo governo que sai. A primeira briga do próximo governo, avisa Lula, é a reforma da Previdência. Essa dedicação aos temas econômicos criou em torno de Fernando Henrique a tal marca anti-social que a concessão do prêmio ajuda a desfazer.

No apagar das luzes da gestão tucana, o Brasil pode estar testemunhando uma mudança conceitual. Por um lado, algumas das conquistas econômicas registradas nos últimos anos começaram a dar sinais de fadiga e necessitam de vigilância redobrada. A inflação anual vai fechar 2002 na casa dos dois dígitos, o dólar beira os 4 reais, a dívida pública ultrapassou a perigosa marca dos 50% do PIB e o país está estacionado num patamar medíocre de crescimento econômico. Por outro lado, os números mais recentes ligados às ações sociais federais apontam para um trabalho de primeira grandeza. Em seu governo, FHC dobrou o gasto em programas de assistência social, de uma média anual de 15 bilhões até 1994 para 30 bilhões de reais em 2002. O aumento produziu um efeito que pode ser conferido em várias áreas. Na educação, em que se elevou o número de crianças na escola, na saúde, na qual a mortalidade infantil caiu significativamente, na distribuição de crédito a microempreendedores. Em alguns casos, o governo atingiu marcas impressionantes. Em oito anos, o Ministério da Reforma Agrária assentou três vezes mais famílias do que havia sido feito em trinta anos.

Além de investir muito mais na área social, passou-se a gastar melhor. Dados referentes a 1994 mostram que, de cada 10 reais reservados aos gastos sociais, 5 iam

RETRATO DA ESCOLA PÚBLICA

Os estudantes da 5ª série da Escola Estadual Professor Emygdio de Barros, em São Paulo, resumem o perfil dos alunos da rede pública.

Vêm de famílias de renda baixa, muitos têm pais desempregados e, para permanecer na escola, alguns ganham bolsa do governo. Eles vêm no estudo uma forma de superar sua condição de pobreza. Conheça a realidade de nove desses jovens

■ KÁTIA TEIXEIRA DE AZEVEDO,

12 anos

Ela tem sete irmãos. Dos cinco em idade de estudar, só uma, de 15 anos, abandonou a escola porque repetiu de ano e preferiu procurar emprego. Kátia e outros dois irmãos fazem parte do programa Bolsa-Escola e por isso não precisam trabalhar. Antes disso, a menina chegou a ter emprego de babá

■ LAIANNE ALVES DA SILVA,

13 anos

Um grave acidente de carro afastou a menina da escola durante dois anos, mas ela não desistiu dos estudos. Para reforçar o orçamento da família, limpa a casa de vizinhos e toma conta de bebês. A mãe é empregada doméstica e o padrasto é metalúrgico. "Estudo quando posso, nunca repeti", diz

■ PAULO DE LIMA RODRIGUES,

12 anos

Mora com a família em uma favela e, como vai a pé para a escola, tem medo de ser vítima de assalto ou de assistir a uma cena de violência. Nunca aconteceu. Paulo e o irmão caçula recebem um auxílio de 85 reais do programa Renda Mínima. A geladeira ficou mais cheia: "Antes as compras acabavam rápido demais", diz

■ MATEUS ANASTÁCIO DE ANDRADE,

11 anos

Ele odiava ler. Era o tipo de aluno que definia o recreio como "a melhor hora da festa". Ai a escola recebeu uma coleção de livros distribuída pelo governo e Matheus adorou o *Harry Potter*. Sua mãe é funcionária pública e o pai trabalha como carregador em uma empresa de ferramentas. O garoto quer mais: "Meu lema é emprego fixo e bom salário"

■ THALITA MASCARENHAS,

12 anos

Sem o dinheiro do programa municipal Renda Mínima, Thalita estaria fora da escola. Os 90 reais depositados todo mês na conta da mãe são a única renda fixa da família. A mãe da menina está desempregada e o pai, de quem é separada, ajuda com roupas e brinquedos

MONTAGEM SOBRE FOTO LEO VIGGIANI

■ NATANAEL MONTEIRO MARTINS,

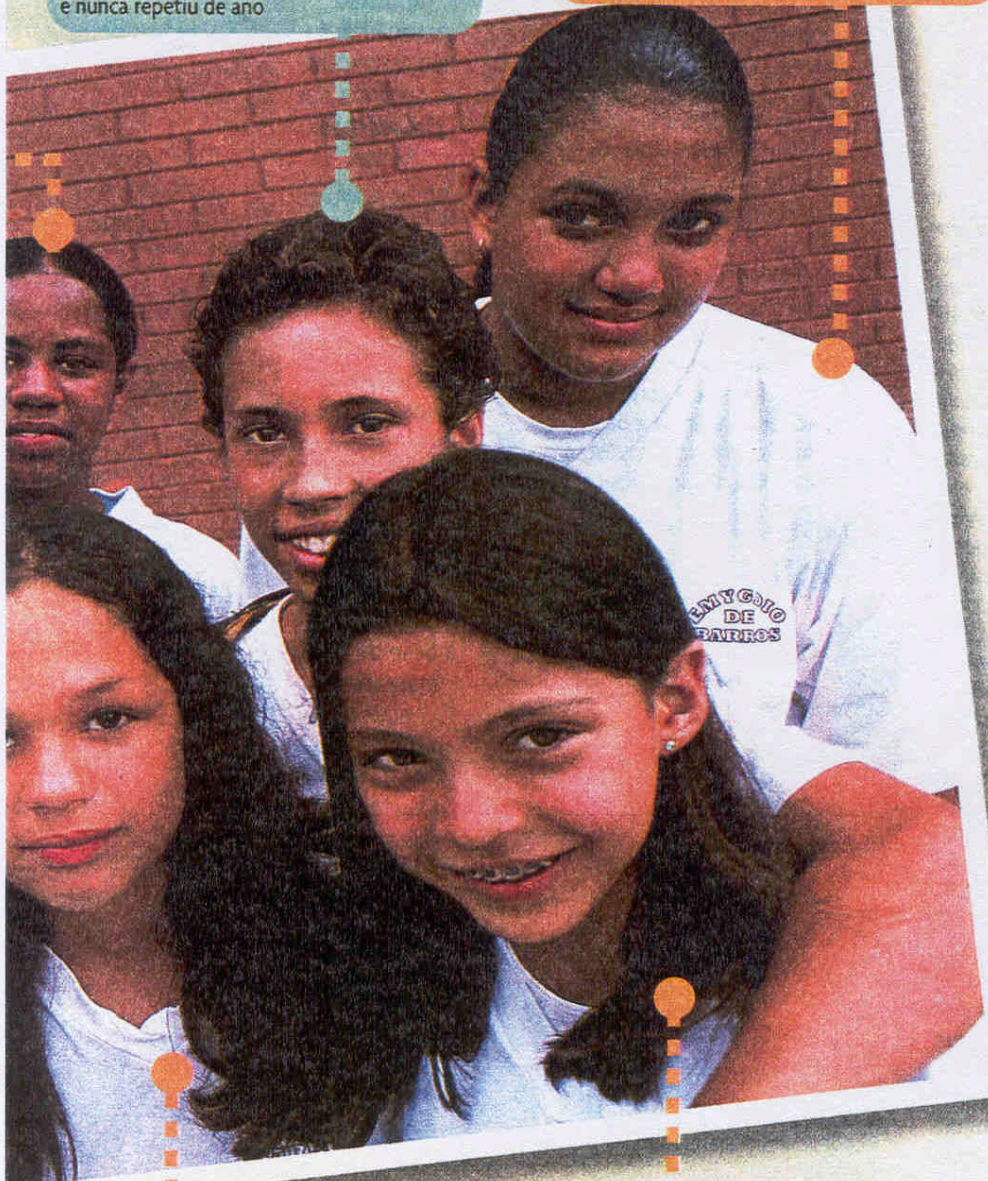
11 anos

Desde os 9 anos, ele toca violino. O pai, músico, carrega o filho para cerimônias de casamento e programas de televisão em que os dois fazem figuração. Nessas ocasiões, Natanael ganha até 50 reais, com os quais ajuda no orçamento familiar. Vai a pé para a escola, distante uma hora de sua casa, e nunca repetiu de ano

■ JULIANA GONÇALVES DOS SANTOS,

12 anos

A menina estudava em uma escola particular até que no ano passado a mãe perdeu o emprego. Não foi um ano bom para Juliana. Ela repetiu a 5ª série porque tinha dificuldade de se concentrar nos estudos. Não perdeu o estímulo. Na nova escola já melhorou o desempenho



■ PÂMELA CRISTINA DE OLIVEIRA,

12 anos

Os pais da menina vivem endividados no cartão de crédito, com o qual compraram vários bens, entre eles uma televisão e um videocassete. A mais recente aquisição foi um aparelho celular. Mesmo com o orçamento apertado, os pais não querem que Pâmela largue os estudos

■ HAGNES OLIVA BITTENCOURT,

12 anos

Uma das melhores alunas da turma, não conheceu o pai, mas tem no padrasto, manobrista de carros, um entusiasta de seus estudos. Ela assume os afazeres domésticos quando a mãe vai trabalhar como auxiliar em uma secretaria da USP, onde também presta serviço voluntário

NOTÍCIAS BOAS

GASTO DO GOVERNO COM PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

- 1994: 15 bilhões de reais
- 2002: 30 bilhões de reais

NÚMERO DE BENEFICIADOS NOS PROGRAMAS SOCIAIS DO GOVERNO

- 1994: 10 milhões
- 2002: 35 milhões

CUSTO DA MÁQUINA SOCIAL

- 1994: de cada 10 reais, 5 chegavam ao destino
- 2002: de cada 10 reais, 9 chegam ao destino

PRINCIPAL INSTRUMENTO DE POLÍTICA SOCIAL

- 1994: cesta básica
- 2002: cartão magnético

FATIA DA POPULAÇÃO ABAIXO DA LINHA DA MISÉRIA

- 1994: 19%
- 2001: 14%

MORTALIDADE INFANTIL ATÉ O PRIMEIRO ANO DE VIDA

- 1994: 38,4 mortes por 1 000 nascimentos
- 2001: 28,6 mortes por 1 000 nascimentos

NÚMERO DE CRIANÇAS TRABALHANDO EM ATIVIDADES PROIBIDAS POR LEI

- 1995: 5,1 milhões
- 2001: 3 milhões

NOTÍCIA RUIM

DESIGUALDADE DE RENDA ENTRE OS MAIS RICOS E OS MAIS POBRES

- 1994: uma das mais altas do mundo
- 2002: inalterada

para a população carente. Hoje, 9 de cada 10 reais vão parar no lugar certo. "O dinheiro não chegava na ponta porque não havia controle de nada, as coisas nesse campo eram uma bagunça", diz a primeira-dama Ruth Cardoso, presidente do programa Comunidade Solidária, com larga experiência na área social. O ganho de eficiência teve dois motores principais. Um deles foi a queda brutal da inflação. O preço dos alimentos passou a subir num ritmo mais lento, o que beneficia diretamente as camadas mais pobres da sociedade. Um levantamento da Fundação Getúlio Vargas mostra que o fim da inflação provocou um aumento no poder de compra dos mais pobres da ordem de 9%. O efeito de longo prazo pode ser medido por outro indicador: A pobreza brasileira, que atingia 42% da população, caiu para 34%. Em números absolutos, quer dizer que aproximadamente 10 milhões de pessoas ultrapassaram a linha da pobreza.

O segundo motor em prol da eficiência foi um pedacinho de plástico, o tal cartão magnético bancário que dá acesso à rede de benefícios do governo federal. Com ele, enxuga-se a burocracia, evitam-se desvios e o dinheiro de cada cidadão fica disponível todo mês no banco, sem intermediação política. Nos Estados Unidos, só agora o governo decidiu introduzir o modelo dos cartões. Técnicos da ONU estão levando o modelo para a África do Sul. O sistema, que já distribuiu 10 milhões de cartões, funciona à base de um cadastro informatizado que centraliza os dados dos beneficiários do conjunto de programas federais. O acesso a ele permite saber tudo sobre uma família: a renda, o número de filhos e quantos benefícios recebe.

O Brasil é um país contaminado por uma forte cultura assistencialista, segundo a qual bons programas sociais são aqueles que atenuam as necessidades dos mais pobres de forma direta, dando comida a quem tem fome, cobertor a quem tem frio e remédio aos doentes. Por essa razão, governantes mais populistas, que distribuem comida, cupons de alimentação e leite, acabam construindo uma imagem pública mais positiva do que aquele que simplesmente deposita o dinheiro dos pobres no banco. Muitos políticos têm saudade da extinta Legião Brasileira de Assistência, que distribuía cestas básicas e dava a eles a oportunidade de se apropriar e de apadrinhar o benefício — quando não se apoderar pessoalmente da doação. O que há de novo nesse campo, e o governo tucano teve papel fundamental na mudança, é a idéia de que a pobreza precisa ser combatida com a gera-

A ALIMENTAÇÃO DO BRASILEIRO

O quadro retrata os hábitos alimentares da população, segundo as classes sociais, e dimensiona a fome no país

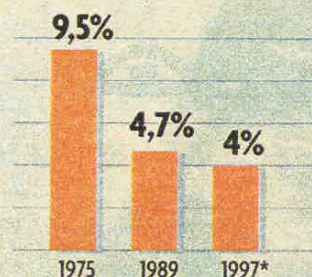
FOME

Segundo critério antropométrico definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que mede a magreza excessiva associada à baixa estatura, 4% dos brasileiros sofrem com algum tipo de desnutrição. São 6,8 milhões de pessoas vítimas de deficiência energética crônica porque comem menos que o necessário.

■ Situação do Brasil no mundo

No estudo da OMS, o Brasil está situado entre os países onde a incidência da fome é considerada baixa, ao lado da China e da Colômbia. Nas faixas altas estão Camboja, Índia e Bangladesh.

MENOS FAMINTOS NO BRASIL



* Estatística mais recente

Fonte: Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde da USP

A DESNUTRIÇÃO INFANTIL

■ População atingida

10,4% das crianças brasileiras entre zero e 4 anos

■ Gravidade do problema

O Brasil está na fronteira entre a faixa baixa e a média, segundo a OMS, ao lado da Colômbia e do Paraguai e atrás do Chile e do Uruguai

■ Onde a desnutrição mais preocupa

No Nordeste rural. Uma em cada quatro crianças sofre de desnutrição, média da Nicarágua e de El Salvador

Hortaliças e frutas praticamente não aparecem no carrinho das classes mais baixas

As classes A e B consomem o dobro de calorias de carne que as classes D e E

As classes A e B são as que menos comem alimentos à base de óleo, margarina e açúcar

Quase 40% das calorias consumidas nas classes D e E vêm do pão, do arroz e do macarrão

MAIS COMIDA

A produção de alguns alimentos aumentou muito durante o Plano Real. Isso porque cresceu o consumo de itens que antes ficavam de fora do carrinho de compras das classes mais baixas. Alguns itens cujo consumo se elevou significativamente no governo FHC:



O peso do item
"alimentação"
no orçamento
das classes
A e B: 13%

O peso do item
"alimentação"
no orçamento
da classe C: 21%

O peso do item
"alimentação"
no orçamento das
classes D e E: 30%

LISTA DE COMPRAS

A crise afeta diretamente a cesta de alimentos de famílias que ganham até dez salários mínimos. Desde 1997, quando a renda começou a cair, alguns alimentos têm sido cortados, como mostra pesquisa realizada pela empresa The Boston Consulting Group

O QUE SAI DO CARRINHO NA CRISE

Congelados semiprontos
Doces
Iogurtes
Queijo ralado
Salgadinhos

O QUE FICA NO CARRINHO MESMO COM A CRISE

Arroz
Batata
Carne
Farinha de trigo
Óleo de soja

■ Queijo	41%
■ Biscoitos	51%
■ Cerveja	75%
■ Iogurte	82%
■ Frango	86%
■ Refrigerante	106%

NOTÍCIAS BOAS

PORCENTAGEM DE RESIDÊNCIAS COM LIGAÇÃO DE ESGOTO ADEQUADA

- 1995: 6 em cada dez casas
- 2001: 7 em cada dez casas

PORCENTAGEM DE RESIDÊNCIAS SEM ENERGIA ELÉTRICA

- 1995: 8%
- 2001: 4%

PORCENTAGEM DE BRASILEIROS COM ACESSO A UMA LINHA DE TELEFONE, FIXA OU CELULAR

- 1995: 22%
- 2001: 60%

DAS QUATRO PRINCIPAIS VACINAS INFANTIS, QUANTAS SÃO DISTRIBUÍDAS NACIONALMENTE

- 1994: uma
- 2002: as quatro

MORTES EM DECORRÊNCIA DA AIDS

- 1994: 12 por 100 000 habitantes
- 2002: 6 por 100 000 habitantes*

NÚMERO DE DOENTES RECEBENDO O COQUETEL ANTI-AIDS REGULARMENTE

- 1994: zero
- 2002: 120 000

* Estimativa

NOTÍCIAS RUINS

TAXA DE DESEMPREGO

- 1995: 6,1%
- 2001: 9,4%

DESEMPREGADOS, EM NÚMEROS ABSOLUTOS

- 1995: 4,5 milhões
- 2001: 7,8 milhões

ção de renda, não simplesmente amparada. O exemplo mais concreto do que se fez nessa direção é a implantação do programa Bolsa-Escola, em 2001, um benefício em dinheiro de até 45 reais por família para os pais cujas crianças forem matriculadas na escola. O programa, tocado pelo Ministério da Educação, consome um orçamento anual de 2 bilhões de reais, alcançando atualmente 9 milhões de crianças.

Os feitos do governo Fernando Henrique não transformaram o Brasil num país rico nem modificaram a injusta distribuição de renda do país, que é uma das piores do mundo. Os jovens brasileiros têm a pior escolaridade da América Latina, em empate técnico com Guatemala, Honduras e Nicarágua. Apenas quatro de cada dez jovens com idade para cursar o ensino médio estão matriculados. Os números absolutos mostram que o cenário está longe do ideal. Para que as pessoas consigam notar a diferença será preciso trabalhar — e certo — durante vinte anos, segundo os mais otimistas. A contribuição de Fernando Henrique ao debate, nesse caso, é que ele definiu o rumo a seguir. Cabe ao governo que entra escolher a velocidade da travessia. No caso da educação, apesar do atraso comparativo, nenhum outro país da América Latina avançou tanto no mesmo período. Em 1994, 88% das crianças estudavam. Agora são 97%.

Os ganhos sociais do governo FHC ficaram comprometidos por alguns indicadores ruins. Um deles é o desemprego, que cresceu nos últimos anos e atingiu as taxas mais altas da história. Na década de 80, os desempregados equivaliam a 5% da força de trabalho. Hoje, a taxa quase dobrou. Está em 9,4%. No mundo inteiro há uma tendência à diminuição de postos de trabalho, como resultado do ganho de eficiência na produção. No Brasil acontece o mesmo, mas, por trás da explosão no índice, está o baixo crescimento econômico. O desemprego só cairá se o Brasil voltar a crescer. O crescimento só virá se os juros caírem. E os juros só cairão se o governo cortar seus gastos, aumentando o superávit primário. Como se vê, quanto mais o presidente Lula se preocupar com as questões econômicas, mais ele estará fazendo pelo social. ■

ELA MONTOU A CASA NO REAL

Com o Plano Real, a telefonista baiana Luzia Silva Vicente comprou os eletrodomésticos com os quais sempre sonhou. Ela ilustra a realidade dos brasileiros que melhoraram de vida após a estabilidade econômica. Na fotografia, feita em estúdio, ela aparece ao lado de suas compras. Observe que em sua mão há seis cartões, entre os de crédito e os de lojas de departamentos

- **Nome**
Luzia Silva Vicente
- **Idade**
28 anos
- **Profissão**
Telefonista
- **Renda familiar**
1 380 reais —
480 reais do salário de Luzia e 900 reais do salário do marido, Adoniran, desenhista de obras
- **Grau de escolaridade**
Graduada em letras pela Universidade Católica do Salvador
- **Filhos**
Dois. Natália, de 10 anos, e João, de 6 meses
- **Onde mora**
Na casa da mãe, em Salvador. Está procurando um apartamento de dois quartos, que pagará com o fundo de garantia e financiamento da Caixa Econômica



O QUE ACONTECEU NO SETOR DE ELETRODOMÉSTICOS ENQUANTO LUZIA COMPRAVA OS SEUS

As vendas aumentaram 50%. O número de lares com geladeira pulou de 75% para 85% e nove em cada dez famílias brasileiras passaram a ter um aparelho de televisão. Antes, eram oito em cada dez famílias

O QUE ADQUIRIU DESDE 1994

- Um microondas
- Um fogão
- Um televisor de 20 polegadas
- Um videocassete
- Uma máquina de lavar roupa
- Uma geladeira duplex ("Meu xodó")
- Um videogame
- Um aparelho de som
- Dois aparelhos de celular pré-pagos
- Colocou mobília nova no quarto da filha
- Trocou seu colchão por um mais espesso

COMO LUZIA PAGOU

Com sua nova coleção de cartões de crédito do banco, do supermercado e de lojas de departamentos. Ela abriu sua primeira conta bancária em 1997

O QUE APRENDEU

Passou a comprar com maior moderação porque contraiu dívidas e ficou inadimplente. Agora só paga à vista para fugir dos juros

EFEITOS RECENTES DA INFLAÇÃO EM SUA LISTA DE COMPRAS

Cortou ameixas, trocou manteiga por margarina, e queijo é só para os fins de semana. "Já sinto saudade das viagens que fazia a Aracaju"

NOTÍCIAS BOAS

TAXA DE ANALFABETISMO ENTRE BRASILEIROS COM MAIS DE 10 ANOS

- 1995: 15%
- 2001: 11%

CRIANÇAS DE 7 A 14 ANOS FORA DA SALA DE AULA

- 1994: 12%
- 2002: 3%

CRIANÇAS POBRES EM SALA DE AULA

- 1994: 75%
- 2002: 93%

POPULAÇÃO UNIVERSITÁRIA

- 1994: 1,7 milhão de pessoas
- 2001: 3 milhões de pessoas

NÚMERO DE PESSOAS QUE CONCLUEM O DOUTORADO POR ANO

- 1994: 1 000
- 2002: 6 300

TOTAL DE FAMÍLIAS SEM-TERRA ASSENTADAS

- 1994: 218 000, em trinta anos
- 2002: 688 000, em oito anos

NÚMERO DE PESSOAS QUE RECEBEM MICROCRÉDITO EM BANCOS OFICIAIS

- 1994: 5 000
- 2002: 160 000

NOTÍCIA RUIM

RENDA DO BRASILEIRO

- 1994: cresceu 4,5% em relação ao ano anterior
- 2002: perdeu 15% do poder de compra em relação ao ano passado